

Um Grupo Focal “A(r)tivista”: Um outro olhar¹

Victor FARIA²

Iluska COUTINHO³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de pesquisa o “Artivismo”, programa televisivo veiculado na TVT (TV dos trabalhadores) e na emissora pública Rede Minas. A proposta da pesquisa é apresentar os resultados de um Grupo Focal realizado com 8 artistas que desenvolvem trabalhos com cunho social ou político, para analisar como o público alvo desse produto midiático com viés jornalístico cultural compreende a linguagem audiovisual, e a essência colaborativa e independente do programa "Artivismo". Este artigo é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso.

PALAVRAS-CHAVE: Artivismo; Grupo Focal; Linguagem Audiovisual; Jornalismo Cultural; Jornalismo Colaborativo.

INTRODUÇÃO

O cenário da comunicação encontra-se em constante mutação. Os veículos se popularizam, perdem audiência, ganham notoriedade, se adaptam à época. Mas independente do meio ou da temporalidade, a busca por forma de adquirir, processos e transmitir informação sempre se constituiu em mola propulsora capaz de criar pensamentos, por isso muitos tratam a Comunicação com um poder da sociedade. Assim é necessário estar atento a produtos midiáticos que tragam novas ideias, e estabeleçam discursos plurais e diversos, para que os pensamentos fortificados sejam vários e representem muitos.

Mesmo com a queda significativa de audiência nos últimos anos, a televisão é o principal veículo de comunicação de milhares de pessoas no país. No Brasil, as emissoras comerciais e hegemônicas são as que alcançam maior audiência, guiadas majoritariamente por intenções econômicas. Em contrapartida, para representar os

¹ Trabalho apresentado no IJ 08 – Estudos Interdisciplinares do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Recém-Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora, E-mail: victorfaria_p@outlook.com

³ Doutora em Comunicação Social, professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM da Faculdade de Comunicação da UFJF, orientadora do trabalho. E-mail: iluskac@globo.com

interesses da sociedade tem-se as emissoras públicas, canais de comunicação financiados com o dinheiro público. Esses canais de comunicação têm intrínsecos ao seu caráter diversos conceitos como, independência, autonomia, pluralismo, diversidade, além de características como a colaboração e a inovação. Inserido em uma interseção de promessas que abrange todos esses aspectos, encontra-se o programa Artivismo. Mas será que é possível tratar de diversas temáticas, sendo colaborativo, inovador e ainda sim ser compreendido?

Para responder esses questionamentos foi utilizada a metodologia do Grupo Focal, com intuito de assistir e debater as edições do programa junto à um grupo específico de pessoas. Como recorte para o Grupo Focal foram selecionados oito (8) artistas que possuem trabalhos artísticos que se instaure no tripé inerente ao Artivismo, que envolve arte, política e ativismo social. Por se constituir em um grupo homogêneo, foi possível que os participantes se posicionassem com menor receio, já que todos possuem característica e propostas de trabalho e atuação similares. A escolha desse recorte de participantes permite um olhar menos desconfiado a totalidade do programa e mais próximo das temáticas debatidas, permitindo assim, que as críticas e comentários se direcionem também para as questões de inovação de linguagem audiovisual e colaboração. Essas características, essenciais ao programa, podem causar interferências e ruídos na comunicação, ao mesmo tempo em que pode desenvolver um pensamento mais crítico e menos genérico sobre as temáticas debatidas.

Esse artigo faz parte de um trabalho de conclusão de curso. Aqui encontra-se parte da pesquisa realizada em um trabalho de maiores proporções, que além dos resultados destacados aqui, também trouxe outros resultados e reflexões.

ARTE, POLÍTICA E ATIVISMO

Um conceito que soma arte, política e ativismo, essa é a definição do neologismo artivismo. Chaia (2007) determina artivismo como uma ação da contemporaneidade que se configura quando ações políticas são estabelecidas com apoios estéticos, indo além da ideia da produção de atividades artísticas que buscam nuances políticos. “É característico desse tipo de arte política a participação direta, configurando formatos de situações que vai do artista crítico até o engajado ou militante.” (CHAIA, 2007, p. 10). As ações ativistas sejam em ambientes reais ou virtuais são majoritariamente criadas em grupos,

até mesmo pelas características sociais inseridas no movimento. Somado a isso, Chaia destaca que o ativismo se distingue justamente “pelo uso de métodos colaborativos de execução do trabalho e de disseminação dos resultados obtidos” (CHAIA, 2007, p.10).

Carregando o conceito no nome, o programa “Artivismo” é produzido pelo Movimento Cria (MovCria), um coletivo que se apresenta como uma rede de comunicação comunitária e independente. Formado por vários ativistas do Brasil, o movimento luta por uma mídia livre, plural, crítica e autônoma, promovendo, assim, reflexões sobre os direitos do cidadão através de uma produção cultural, jornalística e artística de rádio e TV. A ideia em que se estabelece o programa se configura a partir do tripé: arte independente, questões sociais e política. A proposta do “Artivismo” é uma produção de construção coletiva que só é possível quando a audiência assume a postura participativa. Tal participação se efetiva através do envio de vídeos que representam o caráter social, artístico e político do programa, ou seja, com abordagens que tragam temas como, atividades de movimentos sociais, ações comunitárias, estudantis ou produções artísticas. A produção do programa determina que os vídeos enviados devem ter no máximo quatro minutos de duração, e precisam estar no formato, HD 1080 P.

O programa propõe a exibição de um conteúdo inovador com diferentes tipos de quadros, porém sem nenhum apresentador. Ao invés da existência da figura responsável por criar ganchos e ancorar o programa, existem os “provocadores”, elementos utilizados para causar reflexões. O “Artivismo” entrou no ar pela TVT⁴, no dia 5 de fevereiro de 2018, e em seguida também passou a fazer parte da grade de programação da Rede Minas. Emissora que exibiu o programa de segunda a sexta em dois horários, às 07:30 e às 19:00. Contribuindo para a facilidade de acesso público ao material, as edições do “Artivismo” que possuem cerca de 15 minutos de conteúdo são disponibilizadas também no canal da TVT no *youtube*.

O GRUPO FOCAL COMO METODOLOGIA

Diante de um programa televisivo com linguagens e narrativas audiovisuais inovadoras, construído a partir de uma produção colaborativa, buscamos entender qual seria a visão do público sobre isso. A ideia é apresentar um olhar que vai além da visão

⁴ Inaugurada no dia 23 de agosto de 2010, a TV dos Trabalhadores se apresenta como uma TV educativa outorgada à Fundação Sociedade Comunicação Cultura e Trabalho, entidade cultural sem fins lucrativos, mantida pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e pelo Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região.

crítica do pesquisador do trabalho. Será que outras pessoas, que não são pesquisadores da área de comunicação audiovisual, conseguem compreender a proposta e o conteúdo apresentado no Artivismo?

Como identificado em trabalhos anteriores (FARIA, COUTINHO, 2018), a objetividade não é o principal foco do Artivismo. Por isso, a proposta do Grupo Focal foi convidar de 8 a 10 artistas de Juiz de Fora que desenvolvessem trabalhos com cunhos sociais e políticos para estabelecer um debate sobre as linguagens e narrativas audiovisuais, além da temática do programa. O que será que essas pessoas, que estariam identificadas-incluídas no critério de envio de vídeos para colaborar com o Artivismo, acham do programa?

A ideia foi tentar constituir um grupo homogêneo quanto a esse aspecto de identificação, considerando que o interesse pela temática é um ponto em comum entre os participantes do grupo focal e o programa.

Segundo Sônia Maria Gondim (2003), houve um crescimento expressivo da utilização da metodologia do Grupo Focal em pesquisas científicas, nas últimas duas décadas. Mazza, Melo e Chiesa (2009) determinam que a essência da metodologia do Grupo Focal é a interação entre o pesquisador e os participantes criando uma discussão a partir de tópicos específicos e diretivos. Essa técnica apresenta um método de pesquisa qualitativo que forma um resultado a partir das falas dos participantes. No entanto, tais integrantes devem representar uma unidade no momento de análise das opiniões. “Se uma opinião é esboçada, mesmo não sendo compartilhada por todos, para efeito de análise e interpretação dos resultados, ela é referida como do grupo”(GONDIM, 2003, p. 151). A autora descreve que para realização do Grupo Focal a estratégias e escolhas são fundamentais, tendo interferência direta no resultado.

As decisões metodológicas dependem dos objetivos traçados. Isto irá influenciar na composição dos grupos, no número de elementos, na homogeneidade ou heterogeneidade dos participantes (cultura, idade, gênero, status social etc), no recurso tecnológico empregado (face-a-face ou mediados por tecnologias de informação), na decisão dos locais de realização (naturais, contexto onde ocorre, ou artificiais, realizados em laboratórios), nas características que o moderador venha a assumir (diretividade ou não-diretividade) e no tipo de análise dos resultados (de processos e de conteúdo: oposições, convergências, temas centrais de argumentação intra e intergrupar, análises de discurso, lingüísticas etc). Todos estes fatores podem influenciar o processo de discussão e o produto dela decorrente. (GONDIM, Sônia Maria, 2003, p. 153)

Quanto ao número de participantes não há uma definição, como descrito acima, vai depender de uma decisão metodológica. Gondim (2003) acredita que é necessário ter entre quatro e dez participantes para realização de um Grupo Focal. Já Mazza, Melo e Chiesa (2009) dizem que é interessante manter entre seis e quinze integrantes. Ainda acreditam que, “o sucesso para garantir a presença dos participantes no grupo focal está diretamente relacionado aos recursos de convocação” (MAZZA, MELO E CHIESA, 2009, p. 185). Citando Morgan (1997), Gondim (2003) estabelece que é importante seguir regras durante a realização da metodologia de pesquisa. Para a autora, o moderador deve trabalhar com a potencialidade de cada integrante, também sabendo limitar as suas próprias intervenções, permitindo que os participantes contribuam. Só interferindo para a inserção de temática que sejam importantes e necessárias naquele momento da discussão. A autora ainda discorre que é necessário deixar explícitas as regras: “São elas: a) só uma pessoa fala de cada vez; b) evitam-se discussões paralelas para que todos participem; c) ninguém pode dominar a discussão; d) todos têm o direito de dizer o que pensam” (GONDIM, 2003, p. 154).

Durante o procedimento é comum os participantes se comportarem de maneiras específicas. A partir do que é dito por Fern (2001), Gondim (2003), discorre que quatro processos grupais causam interferência no resultado final da análise do grupo. Sendo eles, o bloqueio de produção, a influência social, o pegar carona e a influência normativa. Esses processos estão ligados aos comportamentos sociais que os seres humanos estabelecem em grupo de pessoas desconhecidas. Por isso, a escolha por um grupo homogêneo pode ser uma boa estratégia, já que a identificação entre os seres possibilitaria maior interação, mas tudo deve depender da proposta final do trabalho.

UM OLHAR ARTIVISTA SOB O OBJETO

Para escolher de 8 a 10 artistas que tenham trabalhos baseados no tripé do programa: arte independente, questões sociais e políticas, foi feita uma busca nos veículos de comunicação da cidade, a partir da agenda cultural e também uma pesquisa em grupos do Facebook. Uma das grandes dificuldades da utilização dessa metodologia é justamente conseguir pessoas específicas que tenham compatibilidade de dia e horário para efetivar a participação no grupo. Depois de fazer contato, através das Mídias Sociais, como

Facebook, Instagram e Wpp, com diversos artistas, oito pessoas dentro do critério estabelecido, conseguiram participar do Grupo Focal.

Durante a realização do Grupo Focal, na Faculdade Comunicação da UFJF, os participantes ficaram sentados na cadeira em roda, do lado de fora da roda a orientadora do trabalho, Iluska Coutinho observou o Grupo Focal, enquanto o mediador e autor deste trabalho guiou a discussão em pé. Com intuito de preservar a identidade dos participantes, iremos identifica-los com números de um a oito (1 a 8). Para iniciar o grupo focal e para que todos os participantes se conheçam, pedimos que eles se apresentassem e explicassem a sua ligação com a arte ativista. Representando o número 1, a primeira participante é uma mulher. Ela diz que a arte não chegou a ser uma escolha, já que ela está envolvida com música e poesia desde criança. Desde que se sentiu parte de grupos de minoria, especialmente por ser gay, mulher e do candomblé, também se sentiu responsável em perpetuar isso em seus trabalhos artísticos como cantora. O Segundo participante (2), relata que a leitura sempre fez parte da sua vida, mas só há pouco tempo começou a se mostrar como artista. Ele faz parte do movimento de literatura periférica e participa dos slams que ocorrem na cidade. “O poema do trabalhador para o trabalhador, do preto para o preto, essa é a poesia que me motiva, a poesia militante” (NÚMERO 2). Também do mesmo movimento, o participante de número 3 sempre se interessou por música e por poesia, mas acredita que tudo era um fazer inconsciente, ele conta que aos poucos foi tomando consciência do fazer artístico e do fazer político, percebendo que arte e política são coisas inseparáveis. Ele afirma o seguinte: “Todas as minhas poesias são de cunho político e social, mesmo quando ela não fala diretamente, o que eu acho melhor ainda, quando essas questões nem ficam explícitas. A escolha política é consciente e intencional totalmente” (NÚMERO 3). Os próximos três participantes (4, 5 e 6) integram uma mesma banda de música. O 4 e 5 se apresentam como tecladista e vocalista, respectivamente, enquanto o 6 (guitarrista) fala sobre o trabalho musical. Ele diz que na banda, as próprias influências musicas contribuíram para a presença dos discursos políticos e sociais dentro da arte produzida. Acreditando que a arte é uma possibilidade de mudar ideias, eles apostam nesse caminho.

A integrante representada pelo número 7 se apresenta como atriz e dramaturga. Ela define arte e política como uma coisa só. Um dos seus objetivos enquanto artista, seria desassociar o teatro da arte elitista, já que ela acredita que essa prática se trata de uma arte transformadora e popular. Integrante de um coletivo feminista, ela tenta colocar

suas ideias de uma forma sutil dentro dos trabalhos, “quando estou escrevendo um texto ou uma personagem, eu já penso na contribuição política que essa personagem possa ter”, diz a integrante número 7. Também do ramo das artes cênicas, a participante número 8 diz que busca colocar nos trabalhos em que ela integra um caráter político e social, mesmo que seja de maneira indireta, “a ideia é falar sobre temáticas que estamos vivendo e lutando atualmente. Indo além de um espetáculo de entretenimento”, diz ela.

Antes de exibir qualquer edição do programa optei em apresentar o objeto e pedir para que respondessem algumas perguntas sobre alguns conceitos ligados ao trabalho para entender o que eles já tinham de repertório sobre esses conceitos.

Primeiramente perguntei se eles assistiam conteúdos culturais na TV. Todos negaram assistir esse veículo de comunicação. Sendo assim, optaram em citar o que eles assistiam atualmente na web, ainda sim falaram de conteúdo da web que apresentam discursos críticos no que tange a política e a sociedade, mas que não tem grande relação com cultura ou arte. O número 3 disse que gosta do canal “Gregnews” por ele trazer debates importantes de uma forma acessível, concordando com ele a número 8 acrescentou o canal “nerdologia” como uma opção, da mesma forma que a número 1 falou que gosta do “Porta dos fundos”, e ainda acrescentou um frase que diz: “a TV aberta morreu né? ”. Percebe-se assim, que além de não assistir televisão, mesmo sendo artistas eles não possuem referências de programas culturais ofertados nesse, que é um veículo massivo de comunicação, assim como em canais da web. Isso se instaura justamente porque, como já foi falado em capítulos anteriores, não há uma grande quantidade de programas desse tipo na TV, e quando existe algo na web, não se populariza, não chegando nem para as pessoas que trabalham com cultura.

Quando foram questionados sobre o que esperam de uma produção com linguagem audiovisual inovadora, em um primeiro momento todos ficam em silêncio, intimidados em responder à questão, mas depois surgem algumas sugestões do que esperar desse aspecto do programa. Na verdade, o número 6 ainda diz não saber o que esperar, já o indivíduo 7, espera ser surpreendida com uma quebra de padrão de estilo de produção audiovisual. O 8 segue mais pelo caminho do conteúdo do que pela forma, ao dizer que aguarda uma informação diferente. A integrante número 1 acredita que essa linguagem inovadora estaria ligada ao roteiro, já que para ela é justamente o roteiro que conecta as pessoas à uma produção audiovisual. Seguindo a mediação, a intervenção agora questiona os participantes do grupo sobre o que seria um conteúdo construído de

forma colaborativa. Dessa vez, eles ainda respondem de forma desconfiada como na questão anterior, só que com uma maior precisão. O número 2 aposta que ser colaborativo, é não centralizar as decisões na mão de um indivíduo em específico, para ele em uma produção com cunho colaborativo várias pessoas contribuem para dar uma cara ao programa. Concordando com isso, o número 7 diz imaginar que um conteúdo colaborativo traga pontos de vistas diferentes dentro de uma mesma temática, “por exemplo aqui, artes, mas áreas artísticas diferentes”, acrescenta ela. Para responder sobre a questão do colaborativo a número 1 sugere um aspecto de linguagem do programa, ao acreditar que ao destinar a produção de um programa para várias pessoas, talvez isso interfira no padrão de qualidade. Seguindo esse gancho, a participante número 8 acredita que esse tipo de produção possa ter muito potencial, desde que bem organizado.

Ainda sem assistir o programa, apenas conhecendo os conceitos, o que podemos colocar como palavras-chave do que seria o Artivismo, os participantes já começam a construir uma noção do programa. Claro que existe um desconhecimento dos conceitos, o que gera certa desconfiança e até mesmo um bloqueio. Mas a característica homogênea do grupo focal, permite que eles se arrisquem nas respostas, e conseqüentemente, em certa medida, ainda sem assistir o programa, conseguem traçar característica que estão na essência do Artivismo. Ainda nesse primeiro momento já é levantado, inclusive, questionamentos que motivaram a construção desse trabalho, como por exemplo quando é destacado como uma problemática, uma possível falta de padrão de qualidade.

A próxima etapa do Grupo Focal foi a exibição da primeira edição do Artivismo. É explicado para os participantes do grupo, que a edição exibida seria a do programa de estreia. Também foi informado que além de ser exibido na TVT e na Rede Minas, os programas são majoritariamente, disponibilizado no canal da TVT no *youtube*.

O primeiro Artivismo exibido começa tendo como entrevistados dois integrantes do coletivo Maças Podres, grupo feminista que intercala questões raciais e de classe. Inicialmente não é possível identificar se ambos os entrevistados fazem parte do mesmo grupo. A segunda entrevistada aparece toda vez que é usado o plano aberto, porém só começa a falar na metade do programa. Os cortes são muito rápidos, intercalando dois planos fechados, planos abertos e imagens de apoio. Algumas imagens tremidas são apresentadas, mas não interferem na construção do material. O Zoom in e o Zoom out são recursos muito utilizado nesse programa. [...] Nesse primeiro momento a dinâmica do programa parece muito aceleradas, porém a entrada do vídeoclípe “showbiz” ajuda a configurar uma dinâmica mais calma. [...] Outra situação que chama atenção é quando o entrevistado fala de solidariedade, no mesmo momento em que acontece algo na rua, próxima ao cenário de gravação, uma pessoa ajuda um(a) motorista a empurrar o carro, a câmera rapidamente se move para o lado do ocorrido. [...] O

programa termina com o vídeoclipe, Valsa ao Motorista, da banda Alumar. (FARIA, Victor; COUTINHO, Iluska, p. 9, 2018)

Após a exibição do programa, foi perguntado aos participantes o que teriam achado do Artivismo. De maneira geral todos demonstraram empolgação com as temáticas tratadas, mas debruçaram algumas crítica e incômodos relacionados, principalmente, a parte da linguagem audiovisual proposta.

A número 7 diz ter gostado do programa e da forma em que as temáticas são debatidas, mas acredita que se estivesse zapeando nos canais televisivo e se deparasse com esse programa, certamente não pararia para assistir, já que em sua opinião, a falta de contextualização e informação que é inerente ao Artivismo, impediria sua conexão com o programa. Para ela a preocupação com a forma poética em que as coisas são ditas é muito maior do que a comunicabilidade com o público, acrescenta que “quando ele fala que a educação não é dividir o cérebro cartesianamente, talvez ele não seja tão direto no que ele se propõe” (NÚMERO 7). A partir desses comentários, ela reforça que não acredita que o programa tem um público alvo de grande extensão. O número 6 prontamente concorda com a opinião expressada. Também diz sentir falta de algo para chamar o público para assistir cada vídeo. Quando questionado se algo específico o incômodo, ele diz que não. Porém, a fala anterior já supõe um desconforto com a falta de contextualização e didática do programa, o que se difere dos telejornais e de outros programas, que possuem a cabeça da matéria justamente para anunciar para o telespectador o próximo VT.

Seguindo a prática de comportamento grupal, o participante de número 5, também concorda com as duas opiniões expressadas anteriormente, porém ele criou maior relação e apego com a proposta contra-hegemônica do programa, destacando que a ideia de abrir um espaço para artista que não estão na grande mídia seria sensacional, para ele esse é o ponto principal do vídeo. Durante a mediação, é destacado uma parte específica do programa, momento em que câmera para de filmar o entrevistado para filmar um acontecimento que ocorreu ao lado do local da entrevista. O trecho está descrito neste trabalho da seguinte maneira: “quando o entrevistado fala de solidariedade, no mesmo momento em que acontece algo na rua próxima ao cenário da gravação, uma pessoa ajuda um(a) motorista a empurrar o carro que teria caído para fora do meio fio”. Após essa breve intervenção, um participante se sente motivando a entrar na discussão.

O número 3 discorda de algumas críticas feitas anteriormente pelos outros participantes. Para ele a explícita intenção provocativa do programa, é o que o faria parar para assistir. A própria quebra de padrão de formato já seria um ato provocativo e instigante para esse participante. “A parte que você acabou de mencionar, nossa eu acho que foi providencial, parece até que foi proposital, porque ele estava falando justamente sobre o humano querer ajudar o outro em dificuldade” (NÚMERO 3). Ainda acrescenta que achou poético esse momento. A percepção exposta pelo participante estabelece forte relação com sua própria arte. Porém, ele concorda com os outros participantes, já que acredita que realmente o público “médio” pode não gostar do programa, já que segundo ele existe uma tradição televisiva que doutrina os telespectadores para uma visão de mundo e de modo de fazer televisão específico. Para ele as pessoas não estão acostumadas com o que está “fora do lugar”. Sendo também educador, ele acredita no poder da utilização dessa provocação. Para finalizar ele diz que assistiria o programa, até porque já conhecia a programação da TVT. Isso mostra que a emissora já traz um discurso que agrada o participante, logo a disposição e o interesse pelo programa se torna maior, diferente dos outros participantes que demonstraram não conhecer a grade e programação da TVT, assim como da Rede Minas.

A participante de número 7 pede a palavra para comentar sobre a questão da linguagem artística. Nesse momento, ela leva a discussão para um debate que para ela também é pertinente para os trabalhos artísticos. O grupo focal com participantes homogêneos permite que se estabeleça uma abertura maior de assuntos, e é isso que ocorre nesse momento, o que em certa medida acaba mostrando a relação entre o audiovisual e o trabalho artístico. Para ela, a questão da linguagem é complexa no sentido de levar em consideração o receptor da proposta. Ela acredita que na arte, quando se escolhe uma linguagem artística e até o que dizer ao público, muitas vezes o destinatário é alguém que já se identifica tanto com a mensagem quanto com a linguagem. Ela finaliza o comentário, dizendo que também é professora, e acredita que o Artivmo seria uma ótima opção para exibir para os seus alunos, desde que tudo fosse explicado antes, caso contrário não prenderia a atenção das crianças.

Pensando na questão do público ainda, a participante número 1 direciona o seu questionamento para isso, ela diz que se existe um objetivo de massa será difícil alcançar sucesso. Mas se a ideia é alcançar um tipo específico de público, ela achou o programa maravilhoso. Primeiro destacou a fotografia e depois elogiou as temáticas dos dois clipes

que fazem parte do programa, para ela o primeiro é impactante quando trata sobre violência e o segundo é surpreendente por falar do trânsito e provocar reflexões sobre questões rotineiras.

A participante 8 diz que a partir dessa edição do programa, gostou da proposta e da estética, no entanto ficou confusa em alguns momentos. Ela afirma que se estivesse vendo ela iria querer saber mais daqueles personagens que surgem dando entrevista. Segundo ela, não precisa ser uma narrativa construída, mas para a participante, a falta de informação é um fator prejudicial.

Após ouvir outras opiniões, o participante que demonstrou mais empolgação com o resultado do programa, reflete que talvez tenha faltado didática, ou até mesmo a presença de um âncora. A próxima intervenção se estabelece justamente para questionar se eles sentiram falta de um apresentador. Para responder à questão todos parecem concordar que não teria necessidade de uma pessoa, mas que seria necessário sim algum tipo de comunicação entre os tópicos, entre um vídeo e outro.

Seguindo a discussão, os participantes 3 e 6 percebem que a temática urbana foi o elo entre os vídeos do programa. Concordando com isso, o integrante número 2 diz que é importantíssimo trazer essa discussão do espaço urbano, “você colocar uma galera andando de roller, tocando um violão em uma rua que geralmente está parada porque tem que viver em função da indústria do carro mano, para mim já tem uma reivindicação, a rua é sua você tem que ocupar”, diz o participante. Para ele a mídia de maneira geral trabalha o espaço urbano de forma pasteurizado, em função do shopping. Ele destaca a necessidade de ter uma mídia que fala sobre esses tópicos, esquecidos pelo *mass media*. Porém, também acredita que o programa vai agradar majoritariamente ao público artístico do que pessoas de outros meios.

Quando perguntado quantos vídeos diferentes eles haviam identificado no programa, nenhum dos participantes demonstrou precisão na resposta, ficaram entre 3, 4 ou 5 vídeos. O que mostra que realmente não há clareza quanto a divisão dos vídeos e temáticas, até pela falta de enunciação. Já sobre o padrão, ou a falta desse padrão estético ninguém se mostrou incomodado.

Para os participantes terem uma segunda percepção sobre o programa e ampliar o debate, optamos em exibir um segundo vídeo. Desta vez, o vídeo não estava entre os dias analisados no capítulo 4 do trabalho. No entanto já foi objeto de análise em trabalhos anteriores. A escolha da edição do dia 08/02/18 foi justamente por apresentar algumas

características diferentes da edição de estreia (05/02/18), mesmo sendo exibido na mesma semana. Ou seja, mostra que não foi uma mudança que se deu com o tempo. Segue a análise do programa exibido no dia 08/02/18, produzida em um trabalho anterior.

No primeiro vídeo desse programa é exibida uma entrevista com uma banda independente do cenário do Punk, a banda Avante. Nessa entrevista, pela primeira vez, aparece uma referência dos conteúdos produzidos pela mídia tradicional.[...] No segundo vídeo aparece uma tela preta, como a seguinte frase escrita: “Pretinhos, baianinhos, paraibinhos, índios e caboclos estão nesse exato momento, sofrendo alguma espécie de maltrato, pelo simples fato de não pertencerem a minoria branca” (DOS SANTOS, José Rufino, O que é racismo?). Para quem está acompanhando o programa é possível entender que esse é o segundo episódio da mesma série de vídeos ou do mesmo quadro exibido anteriormente, “Eu pareço suspeito?”. Já o terceiro vídeo traz uma animação crítica, que sugere fazer um paralelo com a ideia dos perfis padrões aceitos pela sociedade. [...]. No vídeo 4 tem uma entrevista com a banda Treme Terra, falando sobre o projeto Afrobases. O vídeo 5 repete o mesmo vídeo da série “Eu pareço suspeito?”, que foi exibido no programa 3. (FARIA, Victor; COUTINHO, Iluska, 2018, p. 13).

Após a exibição do segundo programa, dois participantes do grupo focal (6 e 8) expressaram rapidamente que acharam essa segunda edição mais explicativa. Refletindo sobre essa primeira percepção, o participante 6 acredita que por ser a segunda edição assistida acabou sendo um facilitador, assim o programa ficou mais entendível. Percebe-se que eles não sabem dizer se a edição em si tenha sido mais explicativa ou se eles estavam mais acostumados com a linguagem do programa nesse segundo momento.

Lembrando de uma das intervenções feita anteriormente, a participante logo diz que identificou seis vídeos, sendo mais assertiva desta vez. Essa edição do programa realmente se mostra mais clara, mas o que muda são os vídeos enviados e as características intrínsecas a cada um deles, pois a linguagem audiovisual desenvolvida para editar e roteirizar o programa se mantém. No entanto, com relação ao número de produções, dois participantes (3 e 7) não souberam identificar se alguns vídeos inseridos para cobrir uma entrevista teriam sido parte da edição feita pelos produtores do vídeo ou do programa.

A partir da linguagem e da narrativa audiovisual eles conseguem identificar que dois vídeos (Eu pareço suspeito?) exibidos possuem características parecidas, sendo assim dos mesmos produtores.

Ainda sobre a segunda edição exibida durante o grupo focal, os participantes consideram que esse segundo programa assumiu uma temática mais estreita. Também lembram que a animação é um dos pontos mais interessantes do programa, por trazer uma

crítica social de maneira irreverente e criativa. Para os participantes 3, 5 e 6, o programa tem alguns aspectos que os fazem lembrar da MTV de 1995, inclusive o primeiro vídeo da segunda edição do Artivismo exibida (08/02), apresenta características mais próximas de conteúdos da TV aberta tradicional. Para exemplificar esse apontamento, os participantes falam da inserção do próprio GC, da apresentação dos personagens antes da entrevista, assumindo maior formalidade e, em certa medida, tendo menor caráter experimental/conceitual. Para os participantes 6 e 8, ao compara as entrevistas do Maças Podres (Artivismo 05/02) e a entrevista com a banda de punk rock (08/02), a segunda é muito mais clara. Eles enumeram que a entrevista com o coletivo Maças Podres oferece uma informação para você ir digerindo e criando um raciocínio sobre o que dito, no entanto eles consideram que isso prejudica o entendimento final.

Quando questionados se há uma enunciação similar entre as edições e o que os permitiriam perceber essas edições como parte de um mesmo programa, é destacado que em ambas as edições há muitos movimentos de câmera, um mesmo formato de tela, o cunho político e a presença de clipes musicais. Para eles, essas são as características que estabelecem um padrão entre os dois programas assistidos.

Eles afirmam que teriam interesse em mandar arquivos para colaborarem com o programa. Isso mostra que gostariam de se associar a marca do Artivimos, sendo assim existe uma visão positiva sobre o programa de maneira geral.

Indo além, em síntese, eles acreditam no programa como uma possibilidade interessante. Segundo os participantes 2 e 3, a construção de narrativas e linguagens audiovisuais subjetivas abre caminho para novos direcionamentos. Para o número 3, o programa força o telespectador que o assiste, a olhar para um novo horizonte. Assim pode ocorrer estranhamento em um primeiro momento, mas ainda que não gere uma reflexão imediata, o espectador pode assimilar todas as informações de maneira inconsciente. Antes de finalizar, a participante de número 8, reforça que ainda que não seja uma tendência, esse modo de fazer televisão é um movimento promissor que possui um público em potencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os oito artistas que aceitaram participar do Grupo se consideram ativistas por meio da arte, portanto são “ativistas”. O grupo foi marcado por uma conversa leve e

tranquila. Dos oito integrantes, seis participaram ativamente do grupo, um apenas quando solicitados, e o indivíduo identificado pelo número 4 preferiu não se manifestar. Apesar disso, todos pareciam confortáveis no ambiente, livres para fazer qualquer intervenção durante os debates e questões levantadas.

Ainda que todos pertençam de certa maneira a um mesmo grupo - artistas independentes de Juiz de Fora que produzem arte também com intuítos sociais e políticos - cada um possui repertórios e vivências pessoais que influenciam em suas opiniões e nas formas de emití-las. Da mesma maneira, o segmento diferente de arte também direciona o olhar para pontos específicos. Os dois participantes que integram o slam, movimento de poesia social, destacam muito os produtos audiovisuais com a temática “urbana”. As duas meninas do teatro se preocupam mais com o que aparece na imagem, sempre atentas a todos os detalhes, se a câmera move muito ou se aparece uma explicação no GC. Já os outros participantes, que possuem trabalhos musicais, se envolvem e discorrem mais espontaneamente sobre os videoclipes inseridos durante o programa.

Na primeira etapa, antes da exibição do Artivismo, já na primeira a pergunta é possível perceber falta de referências de programas culturais pelos participantes, o que gera até um certo impacto. Eles não conseguem citar nenhum programa de conteúdo cultural como referência na televisão ou internet. A falta de produções audiovisuais especializadas em cultura é reforçada com esse resultado. Pessoas que se interessam e produzem arte não possuem referências desse tipo de programação.

Após assistir o programa, os elogios se direcionam principalmente para as temáticas debatidas, ponto que já era esperado, se considerado as características dos participantes. Apesar de algumas divergências, o grupo direcionou algumas críticas para as narrativas e linguagens audiovisuais desenvolvidas no programa. Foi considerado que a quantidade de informação sem anúncio prévio prejudica não só no entendimento do que está sendo transmitido, mas também provoca o desinteresse pelo programa. O principal ponto de crítica é justamente a falta de informação entre os vídeos. Para solucionar o que para eles seriam um problema para conquistar a audiência, eles sugerem a inserção de linguagens a partir de referências de coisas que já estão na televisão. Inclusive, é mencionado a possibilidade da inserção de um âncora/apresentador. Então, em certa medida é possível dizer, que mesmo esse público que em primeira instância se mostra desapegado dos padrões, tentam arrumar formas de colocar características da televisão tradicional dentro da produção do Artivismo. Os participantes acreditam que essas

inserções seriam necessárias para atrair a grande massa telespectadora, no entanto ao elencar esses aspectos, mesmo que justificando que seria esse um meio de alcançar um outro tipo de telespectador, percebe-se que há um incômodo inicial com a forma como o programa se apresenta. Ainda assim, eles dizem gostar da estética e proposta desenvolvida.

Após assistirem uma segunda edição do Artivismo fica claro que essa segunda experiência é recebida com menos estranheza pelos participantes. O programa segue o mesmo conceito estético e mesma proposta narrativa. Ainda que considerem o enquadramento mais tradicional e a inserção do GC como justificativa para tornar essa edição mais entendível e objetiva. Podemos concluir que o que tornou a segunda experiência “telespectador X Artivismo” mais esclarecedora e agradável foi justamente a existência de uma experiência anterior. Assim fica entendido que há uma necessidade de se acostumar com o diferente, que em um primeiro momento vai causar estranheza, mas logo se torna uma outra possibilidade. Por isso, é necessário investir sim em produções diferenciadas para que se alcance conteúdos audiovisuais mais representativos e diversificados.

REFERÊNCIAS

- CHAIA, Miguel. **Artivismo: Política e Arte Hoje**. São Paulo: Aurora, 2007.
- FARIA, Victor; COUTINHO, Iluska. **Um programa conceito: Artivismo**. In: INTERCOM. XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Belo Horizonte: 2018.
- GONDIM, Sônia. **Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos**. Paidéia, 2003, v.12, n.24, p. 149-161.
- MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Papyrus Editora, 1997. p. 173-198/213-250
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.
- MAZZA, Verônica; MELO, Norma; CHIESA, Anna Maria. **O Grupo Focal como técnica de coleta de dados na pesquisa qualitativa: Relato de experiência**. IN: Cogitare Enferm: 14(1), Jan/Mar 2009; p. 183-188